

Surfando na quarta onda

06 NOV 1994

MERVAL PEREIRA

Enquanto se discute o varejo dos acordos no Congresso e os espertalhões de sempre tentam se aproveitar do período cinzento que marca a mudança de administração, nos bastidores do futuro governo arma-se a estratégia para colocar o Brasil em consonância com a já famosa quarta onda mundial de crescimento econômico. Há consenso de que, nos próximos anos, o mundo passará pela maior transformação econômica já registrada no século, e que as nações hoje presas ao Terceiro Mundo por uma definição já superada historicamente, darão um salto de qualidade que lhes permitirá estar entre as nações mais ricas do mundo.

Segundo projeções do Banco Mundial, analisadas recentemente pela revista inglesa "The Economist", dentro de 25 anos a China poderá ultrapassar os Estados Unidos como a maior economia do mundo e nove das 15 maiores economias do mundo serão de países hoje situados no Terceiro Mundo. O Brasil, que é a décima economia do mundo, se mantiver o crescimento entre 4% e 5% ao ano, estará no ano 2020 em décimo-primeiro lugar, ultrapassado por países asiáticos como Indonésia e Coreia do Sul — que hoje estão abaixo de nós na lista das 15 maiores economias — e Taiwan e Tailândia, que nem aparecem entre as maiores economias do mundo. Em compensação, o Brasil terá ultrapassado países europeus como Inglaterra, Itália e Espanha, que hoje nos parecem parâmetros inatingíveis. Seríamos ainda a quarta economia do mundo ocidental, superados apenas por Estados Unidos, Alemanha e França.

É claro que previsões desse tipo esbarram quase sempre em questões políticas imponderáveis. O ex-ministro Reis Velloso, mentor do planejamento estratégico do Governo Geisel, que tanto impressiona o presidente eleito Fernando Henrique Cardoso, gosta de lembrar o fiasco do futurólogo Herman Khan em relação ao Brasil. Às custas de um crescimento constante médio de 10% ao ano, o Brasil alcançou, na época do milagre, em 1975, o PIB previsto para o ano 2000. E os tigres asiáticos, conseguirão manter o ritmo de crescimento diante das constantes pressões de uma democracia de massas? A China conseguirá manter a abertura econômica, que lhe proporciona crescimento médio de 8% ao ano, sem se abrir politicamente? As reivindicações trabalhistas na Coreia travarão o ritmo de crescimento do país?

Desse ponto de vista, o Brasil leva vantagem sobre os tigres asiáticos, já que vimos travando uma batalha, dentro da democra-

cia, para abrir a economia e, ao que tudo indica, chegamos a um ponto de não retorno em relação a pontos cruciais como as privatizações. Quando o presidente eleito dá prioridade ao Mercosul e estabelece uma meta de 7% de crescimento da economia, está dando chaves fundamentais para que se entenda o que serão os próximos quatro anos (ou oito, em caso de reeleição). Dados do Gatt indicam que a participação do Terceiro Mundo nas exportações mundiais pulou de 5% em 1970 para 22% em 1993. E, para os próximos 25 anos, os países em desenvolvimento serão responsáveis por dois terços das importações mundiais. Ora, num mundo cuja tendência é se dividir em blocos econômicos, a integração dos países no Mercosul passa a ser fundamental, em contraposição ao NAFTA e ao bloco asiático.

Marcar uma meta de crescimento econômico digna dos tigres asiáticos é, sem dúvida, um dessassombro, mas tudo indica que o futuro governo baseia seus projetos dentro dos melhores indicadores da modernidade, aí entendida a inserção do país nos movimentos econômicos mundiais, e não a simples pirotecnia exibicionista que já conhecemos. O programa de governo, por exemplo, ressalta o que os estudiosos das perspectivas brasileiras, como Reis Velloso, já haviam salientado: o investimento maciço no capital humano (educação, saúde pública) deve ser prioritário. Na educação, há números alvissareiros e marcas decepcionantes. A proporção do PIB que o Brasil investe no setor (3,7%) é maior do que a da Coreia, por exemplo. E temos quase 90% das crianças na escola primária. A partir daí, a política educacional brasileira torna-se elitista, direcionada para a universidade, sem se preocupar com os estágios intermediários que se vão tornando gargalos formadores de excluídos sociais. O que é preciso, então, é mudar o foco do investimento.

E mudar, fundamentalmente, a visão de mundo dos responsáveis pela economia brasileira. Se os empresários que o ministro Ciro Gomes classifica de salafários não entenderem que a estabilização da economia lhes dará, a médio e longo prazos, os lucros que avidamente buscam hoje; se os políticos não compreenderem que só com uma profunda reforma constitucional o país terá meios de consolidar seu projeto econômico; e se o Governo não fizer a sua parte, controlando de verdade os gastos públicos, nenhuma previsão tecnocrática dará certo.

Mas os ventos estão tão favoráveis que o PFL, em vez de exigir cargos, está exigindo a extinção de órgãos inteiros. Uma coisa, pelo menos, Fernando Henrique já conseguiu. Ficou feio pedir nomeações.

Merval Pereira é diretor da sucursal do GLOBO em Brasília.